

LETRAMENTO CIENTÍFICO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: MEMÓRIAS, NARRATIVAS DE ESTUDANTES NO CONTEXTO DO TERRITÓRIO DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO

Tânia Pinto dos Santos Souza¹

Resumo: A iniciação científica tendo como público os (as) estudantes da educação profissional e tecnológica é bastante recente, com efeito, ainda se sabe muito pouco sobre esse tema. Como professora atuante deste campo, vi-me comprometida a desenvolver uma investigação, cujos conteúdos versassem sobre as narrativas e práticas desses estudantes, para tanto, aposto na perspectiva teórica, metodológica, epistemológica, ética que vem sendo desenvolvida pelo Grupo Enlace (MESSEDER, 2020). Vale ressaltar que a docência na educação profissional e tecnológica revela questões que exigem dos professores conhecimentos que proporcionem aos estudantes uma formação que contemple a indissociabilidade entre educação e prática social, bem como entre saberes e fazeres no processo de ensino e aprendizagem, considerando-se a historicidade do conhecimento, valorizando os sujeitos do processo e as metodologias ativas e inovadoras de aprendizagem centradas nos estudantes. Diante da relação afilada entre o tema da pesquisa e a própria vivência, o projeto será desenvolvido na perspectiva dos dispositivos inerentes ao pesquisador encarnado. Segundo Messeder, são dez dispositivos que compõem as ações para realizar a modelagem para um (a) pesquisador (a) encarnado (a), a saber: memória, ancestralidade, justiça, geopolítica do conhecimento, ética, estética, compromisso,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Suely Aldir Messeder. Endereço eletrônico: tpintosouza@yahoo.com.br.

situação/contexto, rede de coalizão, alteridade/heterogêneo. Assim, para assegurar que o tema e o objeto possuem um forte estreitamento com a minha vivência contextualizada no âmbito do centro territorial de educação profissional do litoral norte e agreste baiano, faço uso dos diversos dispositivos que atravessa a perspectiva quaisquer que sejam eles entre os supracitados. No caminho metodológico buscarei realizar o estado da arte sobre a iniciação científica na educação profissional, bem como desenvolverei um trabalho de campo com a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Com isto, pretendo contribuir para a construção de um campo de pesquisa que nos mostre as lacunas e necessidades dos estudantes neste campo científico que irá vigorar as escolas estaduais.

Palavras-Chave: Educação profissional. Iniciação Científica. Pesquisador encarnado.

INTRODUÇÃO

A Educação Profissional (EP), também denominada de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), tem um papel peculiar na educação e uma importância estratégica no mundo do trabalho, principalmente quando conhecemos os desafios que temos no país, refletidos nas estatísticas educacionais e sociais, extremamente preocupantes quanto à baixa escolaridade da população, às carências de formação profissional e técnica e às grandes diferenças de distribuição de renda.

Desse modo, pensar na Educação Profissional e Tecnológica nos remete a entendê-la de uma maneira mais ampla, como a educação de Trabalhadores, isso porque o que diferencia a Educação Profissional e Tecnológica das demais modalidades de ensino é a formação para o trabalho. Contudo, vários questionamentos ficam geralmente ocultos, atrelados ao senso comum, ao que se acredita ser evidente, ou, infelizmente

encoberto de muitos preconceitos comuns nos discursos educacionais.

Atuando na Educação Profissional e Tecnológica, é possível percebermos que muitos professores não têm formação para o fazer pedagógico tendo a pesquisa científica como princípio educativo, fora as diversas confissões de docentes, reveladoras de insegurança e despreparo para desenvolver uma pedagogia baseada na pesquisa científica e voltada para o acolhimento do sujeito diante de suas identidades. Nesse sentido, vale ressaltar que participando do Grupo Enlace (MESSEDER, 2020), foi despertado em mim o desejo de desenvolver minha tese na perspectiva da pesquisadora encarnada, visto que a referida investigação é permeada por dez dispositivos que compõem sua modelagem, a saber: memória, ancestralidade, justiça, geopolítica do conhecimento, ética, estética, compromisso, situação/contexto, rede de coalizão, alteridade/heterogêneo. Desse modo, entendo que o tema e a minha vivência se entrelaçam para a magnitude da minha pesquisa que far-se-á por meio da observação vivenciada, narrativas e memórias dos (as) estudantes do centro territorial de educação profissional do litoral norte e agreste baiano.

Ramalho (2004), enfatiza a ideia do desenvolvimento de competências na profissionalização dos professores, não somente através das disciplinas curriculares, mas também da atividade de pesquisa como elemento importante na sua formação, isso se deve ao fato de que quando se vê a educação sob o olhar de libertação, o professor mediador percorre um itinerário de busca pelas razões e sentimentos que lhe atravessa o corpo para compreender o comportamento dos sujeitos envolvidos no processo que os liberta. Demo (1991), considera a pesquisa como uma possibilidade inicial na formação de professores. Além disso, Souza (2005), afirma que a pesquisa é um suporte necessário à formação docente, pois o sujeito envolve-se em suas próprias experiências e vivências,

produzindo, assim, uma aprendizagem significativa. Moraes (2004), afirma que a pesquisa insere o sujeito na literatura e na realidade pesquisada, além de tornar a sala de aula espaços de argumentações e de debates. Essa inserção do sujeito na literatura por meio da pesquisa nada mais é do que é um direito que lhe assiste. Cândido (2011, p. 172), nos propõe que “quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra”. É nessa perspectiva que precisamos olhar o mundo — fazer do nosso discurso nosso sentimento de humanização para com o outro de modo que os bens considerados incompressíveis sejam comuns para todos. E quando falo isso, acredito numa incompressibilidade digna que se faz por meio do direito à literatura e de todas as literaturas onde as identidades, que são plurais, precisam dialogar para possibilitar as oportunidades. Cândido (2011, p. 188), afirma que “o que há de grave na sociedade brasileira é que ela mantém com a maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis”. Através da literatura podemos expressar e tomar decisões inspiradas ou até mesmo provocadas por ela; pois a mesma também pode ser utilizada como ferramenta de desmascaramento, uma vez que a literatura é um espaço de interface de situações de restrições de direitos e/ou negação deles. Vale destacar que o letramento científico vivenciado pelos discentes através das práticas pedagógicas realizadas no contexto da EPT perpassa por acesso ou não a diversos tipos de literaturas, as quais necessitam de olhares críticos de docentes/discentes para uma educação humanizada que se concebe através da pesquisa como um princípio educativo.

A pesquisa como princípio educativo promove o desenvolvimento de habilidades engendradas nos sujeitos que por muitas vezes são desconhecidas por eles. Nesse sentido, bell hooks (2013, p. 17), sugere que “os alunos teriam de ser vistos de acordo

com suas particularidades individuais”, o que nos provoca a buscar metodologias de ensino capazes de promover o desenvolvimento de habilidades e competências através das quais os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem possam de maneira significativa ter suas identidades valorizadas. bell hooks (2013) nos instiga a pensar sobre as metodologias a serem implementadas na sala de aula quando afirma:

Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meios de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa *valorizar* de verdade a presença de cada um (HOOKS, 2013, p. 17-18).

Usadas de maneira construtiva, as práticas pedagógicas podem levar os alunos a serem protagonistas do seu próprio conhecimento e ainda socializar esse conhecimento respeitando-se as identidades que são múltiplas, promovendo assim, comunidades abertas de aprendizados. Assim, o texto em epígrafe traz nessa fase inicial do projeto de tese uma reflexão sobre premissas da educação profissional tecnológica/prática docente, bem como a importância do se fazer ciência na modalidade de ensino supracitada.

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA EPT

Diante da ausência de legislação que regulamenta a formação docente para atuar junto à Educação Profissional e Tecnológica, o que acontece na prática é que a maioria dos professores não possui formação voltada para essa modalidade de ensino, conforme com a Sinopse Estatística da Educação Básica

2013 (BRASIL, 2013), publicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A referida ausência de formação docente, evidenciada nos dados oficiais, constitui-se em um fator importante para a busca de maior entendimento da docência nessa modalidade de ensino. Para Machado (2008), a docência na EPT tem como singularidade primeira a tecnologia, que se configura como uma ciência transdisciplinar. A autora reforça que:

Os professores da educação profissional enfrentam novos desafios relacionados às mudanças organizacionais que afetam as relações profissionais, aos efeitos das inovações tecnológicas sobre as atividades de trabalho e culturas profissionais, ao novo papel que os sistemas simbólicos desempenham na estruturação do mundo do trabalho, ao aumento das exigências de qualidade na produção e nos serviços, à exigência de maior atenção à justiça social, às questões éticas e de sustentabilidade ambiental. São novas demandas à construção e reestruturação dos saberes e conhecimentos fundamentais à análise, reflexão e intervenções críticas e criativas na atividade de trabalho (MACHADO, 2008, p. 15).

Desse modo, a docência na EPT revela questões que exigem dos professores conhecimentos que proporcionem aos estudantes uma formação que não se limita e tampouco tem como fim uma formação técnica vinculada ao mero treinamento para serem vistos como mão de obra mercadológica, mas que seja direcionada por uma concepção mais ampla do ensino. De acordo com Oliveira (2000), a formação dos estudantes nas instituições de EPT deve pautar pela concepção de educação tecnológica, que, na afirmação da autora, não se restringiria a uma formação voltada apenas para o domínio das técnicas de execução de atividades e tarefas no setor produtivo e de serviços, mas

[...] envolveria, entre outros, o compromisso com o domínio, por parte do trabalhador, dos processos físicos e

organizacionais ligados aos arranjos materiais e sociais e do conhecimento aplicado e aplicável, pelo domínio dos princípios científicos e tecnológicos próprios a um determinado ramo de atividade humana (OLIVEIRA, 2000, p. 42).

Oliveira e Burnier (2013) ressaltam a importância de que a formação tecnológica possibilite ao estudante não apenas o uso das tecnologias, mas também a reflexão crítica sobre elas, o que sugere a “defesa de uma educação profissional, científica e tecnológica não meramente técnica, e comprometida com a formação omnilateral de seus sujeitos” (OLIVEIRA; BURNIER, 2013, p. 149).

Hooks (2013), afirma que:

Às vezes entro na sala abarrotada de alunos que se sentem terrivelmente feridos na psique (muitos fazem terapia), mas não penso que eles queiram que eu seja sua terapeuta. Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo (HOOKS, 2013, p. 32).

Os estudantes querem saber os porquês dos conteúdos que lhes são ensinados, uma vez que estão sendo “formados” para atuar no mundo do trabalho, e a articulação entre a teoria e a prática precisa fazer sentido; não se contentam em apenas que lhes transmitam as bases tecnológicas das componentes curriculares que estão dispostas nas matrizes dos cursos técnicos sem sua devida contextualização e significação. Nesse sentido, esses sujeitos precisarão ter acesso à diversos tipos de literaturas, uma vez que nas matrizes curriculares dos cursos técnicos, as disciplinas da base nacional devem ou deveriam dialogar com as chamadas técnicas — e isso é um direito que lhes convém. Cândido (2011, p. 177) afirma que “Por isso é que nas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos

currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”. Literatura aqui está sendo tratada, Cândido (2011, p. 176), “[...], da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis da sociedade, em todos os tipos de cultura...”. E esse direito deve também perpassar pela formação do professor que atua na EPT com vistas a mediar a formação técnica e profissional dos estudantes para o mundo do trabalho.

A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO NA EPT

O texto do Art. 1º do decreto nº 6.302, de 12 de dezembro de 2007, institui no âmbito do Ministério da Educação, o Programa Brasil Profissionalizado, com vistas a estimular o ensino médio integrado à educação profissional, enfatizando a educação científica e humanística (BRASIL, 2007). De acordo com Machado (1989) e Markert (1996), a educação profissional está concernente com o domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo do trabalho moderno. Desse modo, com relação às práticas pedagógicas desenvolvidas numa instituição de educação profissional, deveriam propiciar aos estudantes a possibilidade de construção dos princípios científicos gerais, ou seja, permiti-lhes o trabalho da iniciação científica. De acordo com Kuenser (1992, p. 158), a politécnica quando efetivamente aplicada nas escolas de educação profissional, teria o intuito de superar o “profissionalismo estreito”, traçando um paralelo com o avanço da tecnologia, através da relação ciência e cultura. A ênfase dada à pesquisa junto à EPT é explicitada por Shulgin (2013, p. 64), quando indica que os estudantes devem realizar o trabalho de maneira social, tendo como objetivo primordial a resolução dos problemas da sociedade, com a conversão dos conhecimentos teóricos em prática, com a fixação do conhecimento, não como objeto, mas como consequência. Isso

sugere, que as bases tecnológicas descritas nos planos de cursos dos cursos técnicos devem priorizar o conhecimento verdadeiro de suas existências voltado para a relevância social — um dos objetivos da pesquisa científica.

Shulgin (2013, p. 42) aponta que o objetivo na educação técnica seria formar uma juventude capaz de “atuar profissionalmente”, além do desenvolvimento de virtudes como: integridade, diligência, responsabilidade, fatores que tornariam essas capacidades essenciais para as instituições educacionais voltadas para o trabalho. Nesse sentido, bell hooks (2013, p. 35), propõe que “A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos”. Assim, a autora nos remete à reflexão para que no espaço da educação profissional e tecnológica não se limite à mera transmissão de conteúdos e instruções com vistas a capacitar os estudantes; é muito mais que isso, pois para se alcançar uma educação libertadora, se faz necessário o exercício de uma pedagogia engajada, ou seja, que se faça coincidir o discurso com a ação, bem como a teoria com a prática.

Conforme Machado (2010, p. 90), os processos educativos necessitam de currículos adequados, para atender, de forma colaborativa, ativa e criativa, as estratégias e atividades sociais de desenvolvimento científico e tecnológico. Sanches Vázquez nos orienta que “toda práxis é atividade, mas que o contrário pode, em parte, não ser verdadeiro” (SANCHES VÁZQUEZ, 2011, p. 221).

Assim,

A forma de organização curricular atual no IFPR está pautada num modelo disciplinar que entende a escola como lugar de socialização do conhecimento científico, produzido e sistematizado historicamente pela humanidade, cuja estrutura privilegia o domínio específico e compartimentado das áreas. São mais valorizadas as áreas clássicas como a Matemática e a Língua Portuguesa em

detrimento de outras como Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia, e também ocorre maior valorização das áreas técnicas sobre a formação geral. Percebendo que esse modelo compartimentado não atende completamente às necessidades do sujeito contemporâneo, tampouco ao compromisso da Instituição com a formação integral, serão desenvolvidos os trabalhos da Comissão de Currículo no intuito de conhecer, refletir e propor um novo modelo de organização curricular que ajude a cumprir a missão do IFPR (IFPR, 2017, p. 51-52).

Para difundir os conhecimentos científicos e tecnológicos, aliada a formação de profissionais ou ao atendimento de demandas específicas, uma das alternativas possíveis é a pesquisa, elemento crucial para a formação científica e educativa do aluno. Demo (2003, p. 2) nos ensina que, ao tornar-se o aluno um agente pesquisador, passa-lhe de objeto de ensino e instrução a agente parceiro de trabalho, em um processo de construção de um sujeito histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa é possível uma aprendizagem significativa que oportuniza os discentes a serem protagonistas do seu próprio conhecimento, mas também é importante que o (a) mediador (a) da aprendizagem — o professor, a professora, precisa estar envolto (a) do fazer ciência para que seus diálogos conduzam a reflexos práticos na formação humana e profissional dos estudantes da educação profissional e tecnológica. Partindo desse pressuposto, finalizo minhas considerações com trechos de uma narrativa cedida pelo estudante Willian Gomes do centro territorial de educação profissional do litoral norte e agreste baiano, em seu relato de experiência referente ao desenvolvimento do seu projeto de iniciação científica: “ a iniciação científica pode transformar de maneira significativa a forma que vemos o mundo, principalmente

de nós jovens”; “ acredito que seja necessário reforçar o pedido para que os professores e mestres invistam na iniciação científica de seus alunos, pois toda criança ou jovem tem uma sementinha do futuro em sua mente, basta que seja devidamente cultivada”.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, A. *Vários Escritos. Direito à Literatura*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.
- DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez. 1991. 2. ed.
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- HOOKS, B. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade/ bell hooks*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. Ed. WMF Martins Fontes. São Paulo. 2013.
- IFPR. Institucional. Pró-Reitorias. *PROEPPI. Pesquisa. Iniciação Científica*. PIBIC-JR. [200-]b. Disponível em: <https://reitoria.ifpr.edu.br/menu-institucional/pro-reitorias/proepi-2/pesquisa/iniciacao-cientifica/pibic-jr/>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- KUENZER, A. *Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992. 166 p.
- MACHADO, L. R. de S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*. Brasília. v. 1, n. 1, jun. 2008.
- MACHADO, L. *Politecnia, escola unitária e trabalho*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. 271 p.
- MARKERT, W. *Trabalho, qualificação e politecnia*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996. 160p.
- MORAES, R. *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004. 2 ed.
- OLIVEIRA, M.; BURNIER, S. *Formação/profissionalização de professores e formação profissional e tecnológica: fundamentos e reflexões contemporâneas*. Belo Horizonte: Ed. da PUC Minas, 2013.
- OLIVEIRA, M. Mudanças no mundo do trabalho: Acertos e desacertos na proposta curricular para o Ensino Médio (Resolução CNE 03/98). Diferenças entre formação técnica e formação tecnológica. *Educação & Sociedade*, ano 21, n. 70, abr. 2000.

RAMALHO, B. *Formar o professor, profissionalizar o ensino — perspectivas e desafios*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina. 2004.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. *Filosofia da práxis*. Trad. María Encarnación Moya. 2. ed. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2011. 448p.

SHULGIN, V. *Rumo ao politecnismo*. Trad. LAZAREV, A.; FREITAS, L. C. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 240 p.

SOUZA, G. *Compartilhando o sentido de ser pesquisador-iniciante no curso de pedagogia*. São Leopoldo: Educação Unisinos. 2005, v. 9, p. 20-25.